

Envelhecimento, cotidiano e geografia: algumas reflexões

Aging, everyday life and geography: some reflexions

Pedro Ricardo da Cunha Nóbrega

Resumo

O artigo em questão tenta ajudar nas reflexões acerca da condição dos idosos na contemporaneidade. Busca-se construir os nexos teóricos acerca emergência dos idosos como um grupo populacional de destaque na configuração demográfica do Brasil (conferir os dados do IBGE e do IPEA acerca do tema) e dos elementos teóricos que possibilitam a análise do processo de reprodução do espaço urbano associado ao processo de envelhecimento humano. Os mecanismos e recursos utilizados, principalmente pela ciência geográfica, até o momento não dão conta de dar voz significativa a essa plêiade de indivíduos que tentam a todo custo sobreviver frente aos limites de sua condição. É através da análise da vida cotidiana que o tema do envelhecimento assume certa centralidade no processo de reprodução do espaço urbano e da vida. O envelhecimento humano se apresenta como uma chave, uma espécie de categoria de análise e interpretação da condição urbana moderna.

Abstract

The article in question tries to help the reflections on the contemporary condition of elderly people. Seeks to build on the theoretical emergence of the elderly as a population group prominent in Brazil's demographic configuration (check the IBGE and IPEA on the subject) and theoretical elements that allow the analysis of the reproduction process of urban space associated with the human aging process. Mechanisms and resources used mainly by Geography, so far fail to clearly analyze the entire lifetime achievement of individuals trying to survive at all costs against the limits of their condition. It is through the analysis of everyday life that the topic of aging assumes a certain centrality in the process of reproduction of urban space and life. Human aging is presented as a key, a kind of category of analysis and interpretation of modern urban condition.

Descritores: Envelhecimento, Urbano, Geografia.

Keywords: Aging, Urban, Geography

¹ Doutorando em Geografia (Geografia Humana) – Universidade de São Paulo (USP)

Para correspondência:
Pedro Ricardo da Cunha Nóbrega
Email: nobregap84@gmail.com

Data da Submissão: 14/05/2013
Data do Aceite: 11/08/2013

Introdução

O envelhecimento humano, bem como as suas implicações no contexto da reprodução social, tem movimentado, ao longo do tempo, um conjunto de interesses e intervenções de diversas áreas do conhecimento, notadamente das ciências médicas, o que aparentemente revela a preocupação em pensar o processo de envelhecimento humano entendendo os idosos como pacientes que necessitavam ser tratados a partir de seus males físicos, desconsiderando, na maioria das vezes, o contexto social em que estes estavam inseridos.

No contexto das ciências humanas e sociais, o tema do envelhecimento humano assume características de novidade, principalmente porque os estudos estavam concentrados em análises demográficas, relacionados principalmente ao entendimento da estrutura da população.

A reprodução da vida, no contexto da sociedade moderna, especialmente quando se analisa os processos específicos relativos ao grupo dos idosos, apresenta-se como “chave analítica” fundamental para entender os nexos que articulam o conjunto dos elementos que dão sentido ao acontecer cotidiano, ajudando a revelar os entraves e as particularidades envolvidas no processo de envelhecimento humano. Principalmente quando se tem em perspectiva a ampliação das desigualdades e das inserções precárias impostas pelo modelo de reprodução do capital.

O cotidiano e a vida cotidiana se apresentam como possibilidade de entender e analisar a dinâmica “tempo-espacial”. A vida social e seu movimento de reprodução podem ser revelados com maior potencialidade através das práticas realizadas no plano do cotidiano, no limite, há uma espécie de centralidade escondida no acontecer cotidiano que auxilia na interpretação e análise das estratégias de reprodução da vida, principalmente quando se observa um grupo social que tem como característica comum a fragilização dos vínculos sociais e o esvaziamento das políticas de estado no que tange ao atendimento das necessidades de manutenção e permanência.

Refletir sobre o envelhecimento humano e as consequências desse envelhecimento no processo de reprodução do espaço (urbano) pressupõe trafegar entre diferentes áreas, entendendo os processos de inserção e adaptação que esses indivíduos estão cotidianamente submetidos. E isso se torna um desafio ainda maior quando as desigualdades, que

poderiam ser percebidas nos tempos de juventude como algo a ser superado, torna-se com a velhice a impossibilidade de vislumbrar qualquer mobilidade.

O cotidiano se apresenta como o lugar privilegiado para entender a ação dos grupos subalternizados, ou seja, é no cotidiano que as táticas contra as estratégias hegemônicas podem se realizar, por isso, esse lugar privilegiado tem que ser estudado com acuidade a fim de revelar os sentidos da reprodução da vida em sociedade a partir da prática social, pois esta prática deixa um rastro sincrônico e diacrônico no espaço que forma *trajetórias* que exibem a marca do conjunto de estratégias e táticas, que vão além do simples mapeamento das trajetórias percorridas no espaço, pois revelam o jogo das intencionalidades.

As manifestações dos fracos, realizadas no nível de análise do cotidiano, buscando capturar as táticas associadas à reprodução da vida cotidiana auxiliam na construção de instrumentos teóricos e analíticos que dotam o pesquisador da possibilidade de mergulhar profundamente nos significados e sentidos da reprodução social, uma vez que a tentativa de sobrevivência, ainda que como sujeitos subalternizados¹², revelam táticas socialmente construídas para tentar superar a lógica da *sociedade burocrática de consumo dirigido*¹¹.

Analisar a vida cotidiana dos velhos e como a mesma dialoga com a reprodução do espaço urbano, passa inevitavelmente por entender quais os efeitos do tempo não apenas nos indivíduos e nas estruturas urbanas, mas, como o tempo forja relações com a sociedade, uma vez que na sociedade do consumo e da informação a velocidade das coisas e a sua potência têm um papel insubstituível, ainda que contraditoriamente os postos de trabalho necessitem cada vez menos de força física - os velhos, ou aqueles que atingem certo estágio do processo de evolução humana, encontram-se sistematicamente marginalizados e subalternizados dos processos de reprodução da vida.

Sobre o cotidiano, a vida cotidiana e a produção do espaço

Há no cotidiano a possibilidade de sentir a presença ainda que na ausência. Há uma potencialidade criadora e norteadora do sentido da vida, da reprodução da vida, talvez a isso se referisse Michel de Certeau⁶.

(...) a dispersão dos relatos indica já a do

memorável. De fato, a memória é o antimuseu: ela não é localizável. Dela saem clarões nas lendas. Os objetos também, e as palavras, são ocos. Aí dorme um passado, como nos gestos cotidianos de caminhar, comer, deitar-se, onde dormitam revoluções antigas. A lembrança é somente um príncipe encantado de passagem, que desperta, um momento, a Bela-Adormecida-no-Bosque de nossas histórias sem palavras. "Aqui, aqui era uma padaria"; "ali morava a mere Dupuis". O que impressiona mais, aqui, é o fato de os lugares vividos serem como presenças de ausências. O que se mostra designa aquilo que não é mais: "aqui vocês vêem", "aqui havia...", mas isto não se vê mais. Os demonstrativos dizem do visível suas invisíveis identidades: constitui a própria definição do lugar, com efeito, ser esta série de deslocamentos e de efeitos entre os estratos partilhados que o compõem e jogam com essas espessuras em movimento⁶.

No cerne desta capacidade do pequeno em preencher de sentido as megaestruturas do grande, essa capacidade do acontecer cotidiano subverter as grandes imposições verticais, de marcar o sentido para a trajetória e de orientar as perspectivas de um grupo em um determinado tempo-espaço, faz com que o sentido da reprodução social se apresente materializado na capacidade de reprodução da vida cotidiana, por isso entender como funciona esse processo denso revela a espessura de construção das tramas do urbano, que em nosso caso servirá para tecer os fios do processo de envelhecimento humano e suas consequências diretas no entendimento da cidade como uma totalidade, que se retotaliza a todo o momento e que se transforma a todo instante.

Ao mesmo tempo em que o cotidiano e a realização da vida cotidiana possibilitam perceber contextos compartilhados, eles também funcionam como nexos centrais na construção das relações sociais, das práticas sociais e do trabalho. Sob esse conjunto de reflexões, as práticas sociais aparecem como os sentidos da reprodução da vida através do trabalho e da construção da rede de relações sociais^{4, 5}.

À medida que a sociedade entra cada vez mais em sua condição moderna, o contraste entre a forma e o conteúdo vai sendo eclipsado. O espaço em sua condição de produção é confundido com a sua forma¹¹. O mundo aparente esconde a prática social, os elementos da história perdem o sentido, o aqui e o agora ganham força no entendimento do espaço na modernidade, esta, de acordo com Lefebvre¹¹, é uma espécie de ilusão da *transparência do espaço*, ou seja,

confunde-se o espaço com o aparente, há uma espécie de lógica formal que impede de ir além da aparência.

Como apresenta Carlos⁴, o espaço urbano em sua dinâmica de produção, para ser analisado, necessita de uma aglutinação de perspectivas e níveis de realidade, ou seja, "*momentos diferenciados da reprodução geral da sociedade, como a dominação política, o da acumulação do capital, da realização da vida [...]. O espaço corresponde a uma realidade global, revelando-se no plano do abstrato, e diz respeito ao plano do conhecimento, sua produção social, a prática socioespacial, liga-se ao concreto*"⁴.

Em "A produção do Espaço" Lefebvre¹¹ propõe que o espaço (social) não se apresenta como uma coisa qualquer, não é simplesmente um produto entre os produtos, ele abarca as coisas produzidas, compreender as relações entre as coisas produzidas, tendo como condição as possibilidades de coexistência e a simultaneidade dos acontecimentos. O espaço social pressupõe uma ordem e uma desordem, ao mesmo tempo e nunca se reduz a ser um simples objeto; possibilita e permite ações; é constituído de ações, que produzem ou consomem, mas que gravitam inexoravelmente pela lógica da produção. "*O espaço social implica múltiplos conhecimentos*"¹¹ e acrescentaria acontecimentos.

Essa pluralidade de acontecimentos e conhecimentos se organizam, privilegiadamente em contextos urbanos, produzindo cidades. O espaço, assim como a vida na sociedade moderna, encontra-se como resultado de repetições, é forjado em meio a um aparato técnico repetitivo e a uma base tecnológica que suscita cenários de repetição e assim, sociedade e espaço são repetições de si mesmo, sob os auspícios da alienação não se distingue mais as ordens distantes das ordens próximas¹⁰, o imediato se torna o reflexo do realizado alhures, tudo se torna envolto em uma camada pasteurizada, que não é reflexo social, mas do modo de produção que a sociedade opera.

O cotidiano é capturado e programado desde a sua gênese como elemento fundamental do processo de produção e reprodução do espaço, comprometendo-se, pois, na sociedade moderna cooptada pelo modo de produção capitalista, com a repetição fetichizada do produto. Entretanto, o espaço tem conteúdo, o espaço revela relações sociais que se interconectam através da sua polivalência, assim, o espaço é produto, mas também condição social e como meio de realização

que ganha sentido a partir das tramas miúdas, dos detalhes, das injunções e das disjunções ocasionadas a partir de escapes e pontos de fuga no contexto das repetições. O espaço é considerado assim *morfologia social* impregnada de sentido a partir do conjunto das práticas, do vivido. O espaço corresponde às formas, às estruturas e às funções necessárias para a reprodução social¹¹.

Recorrendo a Seabra¹⁴, pode-se entender que o processo de reprodução do espaço analisado a partir da centralidade do cotidiano, que nada mais é do que o vivido como repetição, mas também como possibilidade de ruptura da repetição alienada, apresenta-se de fato como o processo de reprodução do urbano que impõe um modo de vida que tem a capacidade, teórica, de superar as separações e promover uma síntese negando a negação e favorecendo a apropriação dos fragmentos dispersos. Daí, “o urbano é entendido como uma utopia real e um modo de vida, âmbito da comunicação e da troca generalizada, da simultaneidade onde se desfaz a ordem próxima e a ordem distante, o imediato e o mediato”¹⁴.

As tramas tecidas na cidade, reflexo das possibilidades de materialização das utopias do urbano, não se dão de uma forma homogênea e hegemônica, do contrário o espaço urbano seria o reflexo direto de uma abstração e não uma construção estabelecida a partir e através da prática social, que como os indivíduos e a própria sociedade é contraditória em gênese e essência. O devaneio idealista de um mundo reflexo de um pensamento único bom para todos se desfaz no ar com uma simples observação dos processos de compõem o quadro de reprodução da vida.

Por isso, como aponta Seabra¹⁴, “o urbano, reunião de todos e de tudo, como modo de vida, ascende no horizonte. Mas com a impossibilidade de superação dos impasses da fragmentação, o urbano não se realiza, aprofundam-se as separações”. E como reflexo da necessidade de entender os elementos constituintes de cada fragmento que compõe a sociedade é que a vida cotidiana e o cotidiano surgem como nível de apropriação para pôr em tensionamento os elementos que compõem a *polissemia, polirritmia, polifonia e polivalência*^{9, 10, 11} da reprodução da vida.

O mundo moderno⁹ mediado pelos processos multiescalares que possibilitam o acontecer da vida aqui e alhures por meio de técnicas sofisticadas e tecnologias de última geração, precisa, até o momento atual, que haja pessoas, vidas, contextos, sociedades, que dotem todo esse aparato de sentido. Por mais que

se tente escapar, o plano imediato, concreto, real é o único que dá possibilidade de se vislumbrar abstrações e subjetividades indispensáveis para uma leitura clara da dinâmica mundial e local.

O cotidiano aparece não apenas como a negação da filosofia, mas como a possibilidade de pensar a prática social utilizando elementos e categorias filosóficas para auxiliar no desvendamento dos nexos de reprodução da vida (espaço e sociedade). Lefebvre^{8, 9}, como resultado desse movimento de articular filosofia e prática social, percebe a potencialidade do cotidiano como uma centralidade para o pensamento social contemporâneo.

A reprodução social, que também é a reprodução do espaço, revela a necessidade de ser pensada e analisada a partir da potencialidade que o cotidiano guarda, essa potencialidade não deve estar restrita ao mundo das realizações práticas, pura e simplesmente, mas a um cenário de reflexão e contemplação próprio do ser filosófico que será capaz de auxiliar na elucidação e na apresentação de novas formas de conceber o mundo vivido. Estudar a reprodução do espaço com base nas emergências posta a partir do cotidiano e da vida cotidiana é tentar superar os estigmas da alienação, que Lefebvre⁹ põe como a superação da alienação filosófica (verdade sem realidade) e da alienação cotidiana (realidade sem verdade).

Emerge deste interstício, entre cotidiano e vida cotidiana, entre filosofia e prática social, o conceito de cotidianidade,

*O conceito de cotidianidade provém da filosofia e não pode ser compreendido sem ela. Ele designa o não-filosófico para e pela filosofia. Mas o pensamento só pode levá-lo em consideração no decorrer de uma crítica da filosofia. O conceito de cotidianidade não vem do cotidiano, nem o reflete: ele exprime antes de tudo a transformação do cotidiano vista como possível em nome da filosofia. Também não provém da filosofia isolada, ele nasce da filosofia que reflete sobre a não-filosofia, o que é sem dúvida o arremate supremo de sua própria superação.*⁹

A cotidianidade põe uma marcha ao que se desenvolve no plano do cotidiano e dá caminhos para pensar como a vida cotidiana se realiza, permite entender para além das repetições as possibilidades de implantar o novo ou

considerar aquilo que escapou, aquilo que não foi considerado no processo de reprodução da vida mediada pelos processos de reprodução do capital.

O cotidiano se apresenta como algo que constitui um sentido amplo,

Seria algo mais: não uma queda vertiginosa, nem um bloqueio ou obstáculo, mas um campo e uma renovação simultânea, uma etapa e um trampolim, um momento composto de momentos (necessidades, trabalho, diversão – produtos e obras – passividade e criatividade – meios e finalidades), interação dialética da qual seria impossível não partir para realizar o possível (a totalidade dos possíveis).⁹

A vida cotidiana se apresenta como síntese do processo de reprodução da vida, uma vez que ela representa a possibilidade do encontro entre o parcelar e o total, a racionalidade e a irracionalidade. Além disso, Lefebvre⁹ reforça que é na vida cotidiana que os problemas concretos da produção se dão de maneira abrangente, possibilitando enxergar o movimento que parte desde a condição de raridade até a abundância, bem como permite o diálogo que entende um espectro de variação que vai desde o precioso até o obsoleto.

Sobre o envelhecimento humano

Não raro vimos nas manchetes de jornais periódicos ou nos telejornais notícias de idosos que sofrem violências, as mais diversas, em ambientes que supostamente eram preparados para dar-lhes uma possibilidade de viver com condições adequadas de qualidade de vida ou até mesmo em suas casas ou nas casas de familiares e parentes próximos. Sobre esse quadro vergonhoso da condição da velhice contemporânea, faz-se impossível não resgatar o pensamento de Simone de Beauvoir¹.

(...) a condição das pessoas idosas é hoje escandalosa. [...] De maneira geral, ela [a sociedade] fecha os olhos para os abusos, os escândalos e os dramas que não abalam seu equilíbrio. [...] Cada membro da sociedade deveria saber que seu futuro está em questão; e quase todos têm relações individuais e estreitas com certos velhos.

Observando as notícias veiculadas pela imprensa, além da coleção de depoimentos informais juntos aos idosos, em particular na cidade do Recife,

as constatações não levam as reflexões para um destino distante daquele apontado por Simone de Beauvoir¹. Sem dúvidas a sociedade moderna é responsável, em muitos casos, por reforçar negativamente a importância dos velhos, todos os dias são cometidos crimes bárbaros contra a velhice e isso passa despercebido pela grande maioria da população.

A vida cotidiana dos velhos cada vez mais está limitada aos fragmentos de vida deixados pelos outros, principalmente quando o perfil do envelhecimento se dá em condições de pobreza, aí a condição de subalternização e precarização da vida se revelam de maneira intensa. Quando se dá o movimento de passagem de classe trabalhadora para classe trabalhadora aposentada ou impossibilitada de ser produtiva pela idade é que os cenários de vulnerabilidade se tornam mais crônicos. Principalmente porque para o indivíduo trabalhador perder essa condição significa também perder projeção social e significa redução de importância na condição de chefe de família. Ou seja, a velhice associada à aposentadoria põe em xeque a importância social do indivíduo, o que não é diferente em âmbito privado, o lugar do chefe de família, geralmente atrelado a um ritmo de vida que manifestava a sua presença através da ausência, é transformado, o que supõe a presença muito mais marcada que a sua ausência, causando um estranhamento no núcleo familiar, uma pseudorredução de importância na família².

Os velhos vivem e coexistem com uma sociedade que a todo tempo desconsidera o seu potencial, na maioria do contato cotidiano, sentem como se os mais jovens não dessem mais lugar no mundo para eles, é como se todos os demais esperassem por sua morte ou como se o único lugar concebido para eles fossem entre os seus pares em lares de repouso ou trancados em casa, isolados das “intempéries” resultado do atrito das relações sociais³.

Em função da constante elevação na expectativa de vida que a população mundial e especialmente a população dos países em processo de desenvolvimento vêm apresentando nos últimos anos, as pessoas se vêem obrigadas a não mais ignorar o grupo dos indivíduos envelhecidos ou em processo de envelhecimento, pois, esses já não representam o quadro das minorias sociais¹³.

Com a apresentação desse novo grupo, estatisticamente consolidado e em franco processo de crescimento, faz-se necessário estabelecer um novo conjunto de ordem paradigmática que

permita a renovação de posturas em relação às formas de interação social e intergeracional³.

A incapacidade dos núcleos urbanos abarcarem o contingente populacional envelhecido se torna visível quando são estabelecidas análises da influência exercida pelo processo de reprodução do capital acerca da organização da vida e do território. Os avanços na condição de envelhecimento justificam a criação de uma agenda mundial que assuma o tema como prioridade, uma vez que a condição e manutenção da vida se constituem como tema de abordagem social, política, econômica e cultural¹³.

O conflito entre os que sobreviveram ao tempo e os mais novos coloca a humanidade em um dilema de gerações, em que as necessidades de grupos humanos distintos precisam ser consorciadas a fim de garantir a vida possível, com níveis de dignidade a todos que participam do tecido social.

A relação dialética entre o velho e o novo e o peso que a isso seja abstraído do constante processo da transformação de uma noção em outra será o ponto de partida para se entender como o conceito de velho, em nossa sociedade atual, afasta-se incontestavelmente de uma consequência do avançar de anos vivido e vai assumindo um delineamento carregado de preconceitos e estigmas que vão elevando o novo e excluindo o velho.

Ao se debruçar sobre a dinâmica social em uma constante devir histórica se faz fundamental entender o velho para além da sua aparência e neste sentido é preciso entender que o conceito de envelhecimento não está apenas restrito ao avançar no conjunto dos anos vividos, mas, é um conceito que se apresenta de maneira *“multidimensional, determinado socialmente, não apenas em relação às condições econômicas, mas também no plano simbólico, na percepção coletiva sobre o envelhecer”*³.

Envelhecer, como aponta Fernández⁷ é um processo que tem como característica *“el conjunto de las fases sucesivas de un fenómeno, en nuestro caso nos referimos a las etapas físicas, psicológicas y sociales que pasa una persona hasta llegar a la vejez”*. O que se opõe às características biológicas apontadas como definidoras, hegemonicamente, do que seja a velhice e o envelhecimento. Uma vez que, como aponta Carvalho³ o envelhecimento biológico se restringe a entender *“o tempo de vida humana que o organismo sofre consideráveis mutações de declínio na sua força, disposição e aparência, as quais não incapacitam ou comprometem o processo vital”*, o que em nosso caso não ajudaria a entender o processo de envelhecimento humano em sua totalidade.

A maneira como a sociedade ocidental

construiu o conceito de velho traz consigo uma carga muito *sui generis*, pois desconsidera os vínculos com sociedades antigas e com toda a construção do pensamento oriental. A sociedade, nestes termos de exclusões, fraturas e fragmentos é entendida como *“uma totalidade destotalizada”*¹ em que os indivíduos se comunicam e compartilham através de sua *praxis*, e da diversidade dela, o que se coloca como reflexão é que as pessoas envelhecidas não partilham dessa *praxis*, sendo assim, o velho corresponderia a uma *exis* social, em que o imaginário social conduziria a uma condição de estranhamento social, a um não pertencimento ao mesmo grupo.

O envelhecimento humano é composto de um conjunto bastante amplo de elementos que compõem uma diversidade de abordagem e de concepção do problema em análise. Neste sentido, a forma como o conceito de envelhecimento é entendido e operacionalizado influencia diretamente na forma como que ele se apresenta ao grupo social, essa forma de abordagem e de ser dos indivíduos envelhecidos respondem a um conjunto de ações que revelam os processos a que estão submetidos e a que se fazem submeter, quase que amalgamados com estruturas, ora rígidas, ora mais flexíveis que abarcam os conteúdos e processos a serviço de uma função que é ao mesmo tempo social e que obedece a processos de reprodução do capital e das relações estabelecidas pelo modo de reprodução do modo de produção capitalista.

Considerações Finais

A condição a qual a sociedade moderna estabelece as suas bases é reveladora de um conjunto de constrangimentos sociais que se apresentam como desafios. Notadamente, esse conjunto de constrangimentos é reforçado quando grupos subalternizados precisam que suas necessidades sejam atendidas no contexto da reprodução do mundo moderno.

É através da análise da vida cotidiana que o tema do envelhecimento assume certa centralidade no processo de reprodução do espaço urbano e da vida. O envelhecimento humano se apresenta como uma chave, uma espécie de categoria de análise e interpretação da condição urbana moderna.

As dificuldades em (re)produzir o espaço urbano pensando formas de inserção diferente

daquelas subalternizadas e reflexo da precarização, fruto de uma lógica perversa do capital, põem-se como parte do desafio contemporâneo para a tentativa de superação das alienações e cooptações empreendidas por um capital que se tornou fetiche, que fustiga o sonho dos indivíduos e os convence que o sentido da vida é ser produtivo; para a sociedade moderna é preciso ocupar a vida cotidiana com tarefas que rendam algo, esse é o ritmo da alienação que forja valores sociais e que consolida o rótulo do economicamente orientado para o produtivo. Essa é, talvez, a chave de interpretação possível para se entender a condição dos indivíduos envelhecidos em nossa sociedade, uma vez que estes parecem não mais ser produtivos e por isso não interessam ao processo de reprodução.

Referências

1. Beauvoir S. A velhice: o mais importante ensaio contemporâneo sobre as condições da vida dos idosos. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
2. Carvalho JAM, Garcia RA. O envelhecimento da população brasileira: um enfoque demográfico. In: Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 19(3):725-733, mai-jun, 2003.
3. Carvalho MCBNM. O diálogo intergeracional entre idosos e crianças: projeto "era uma vez... atividades intergeracionais". Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Dissertação (Mestrado em Serviço Social).
4. Carlos AFA. Espaço-tempo na metrópole: A fragmentação da vida cotidiana. São Paulo: Contexto, 2001.
5. _____. O lugar no/do Mundo. São Paulo: LABUR, 2007.
6. Certeau M. A invenção do cotidiano: artes de fazer. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
7. Fernández RP. El proceso de envejecimiento y la intervención social. In: RBCEH, Passo Fundo, v. 4, n. 1, p. 57-75, jan./jun. 2007.
8. Lefebvre H. Estrutura social: A reprodução das relações sociais. In: Martins & Foracchi (org.). Sociedade e Sociologia. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1977.
9. _____. A vida cotidiana no mundo moderno. São Paulo: Ática, 1991.
10. _____. O direito à cidade. São Paulo: Centauro, 2001.
11. _____. A produção do espaço Urbano. Belo Horizonte: UFMG, 2006. (trad. Grupo "As (im)possibilidades do urbano na metrópole contemporânea", do Núcleo de Geografia Urbana) do original: La production de l'espace. 4. ed. Paris: Éditions Anthropos, 2000). (Texto não publicado).
12. Martins JS. Exclusão social e a nova desigualdade. São Paulo: Paulus, 1997.
13. Organização das Nações Unidas (ONU). Plano de Ação Internacional sobre o Envelhecimento. Madrid: Conferência das Nações Unidas para o Envelhecimento Humano, 2002.
14. Seabra OCL. Urbanização e Fragmentação: Cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole, a partir das transformações do Bairro do Limão. São Paulo: FFLCH/DG, 2003. (Tese de Livre Docência).